

Mitch Albom

Autor de As cinco pessoas que você encontra no céu

O pequeno mentiroso

Uma verdade que devastou milhares de vidas.

Uma vida inteira em busca de redenção.



SEXTANTE

*Para Eva, Solomon Nesser e outros que foram
marcados com números nos braços, e para todos que
ainda choram por eles*

Não são suas lembranças que o assombram.
Não é o que você escreveu.
É o que você esqueceu, o que você deve esquecer.
O que deve continuar esquecendo pelo resto da vida.
– JAMES FENTON, “Um réquiem alemão”

Tudo vai mudar, tudo menos a verdade.
– LUCINDA WILLIAMS

PARTE I

– Mentira.

A voz do homem grandalhão era grave e rouca. Alguém sussurrou:

– O que é mentira?

– O lugar pra onde a gente vai.

– Estão levando a gente pro norte.

– Estão levando a gente pra morte.

– Isso não é verdade!

– É verdade, sim – disse o grandalhão. – Vão nos matar assim que chegarmos lá.

– Não! Vamos ser reassentados! Em casas novas! Você ouviu o garoto na plataforma!

– Em casas novas! – acrescentou outra voz.

– Não existem casas novas – insistiu o grandalhão.

O guincho das rodas do trem silenciou a conversa. O grandalhão examinou a grade de metal que cobria a única janela daquele vagão sem luz, feito para transportar gado, e não seres humanos. Não havia bancos. Não havia comida nem água. Quase cem pessoas se apinhavam ali dentro, como um sólido bloco de seres humanos. Velhos de terno. Crianças de pijama. Uma jovem mãe apertando um bebê contra o peito. Só uma pessoa estava sentada, uma adolescente com o vestido cobrindo um balde de lata que os passageiros receberam para se aliviar. Ela escondia o rosto com as mãos.

O grandalhão tinha visto o suficiente. Ele enxugou o suor da testa e abriu caminho entre as pessoas, indo em direção à janela.

- Ei!
- Cuidado aí!
- Aonde você vai?

Então ele chegou até a grade e enfiou seus grossos dedos nos buracos. Grunhiu alto. Com o rosto se contorcendo, começou a puxar.

Todo mundo no vagão ficou em silêncio. *O que ele está fazendo? E se os guardas vierem?* No canto, um garoto franzino chamado Sebastian estava encostado na parede, observando tudo aquilo. A seu lado estava a maior parte de sua família: a mãe, o pai, os avós e as duas irmãs mais novas. No entanto, quando ele viu o homem puxando a grade da janela, seu foco se voltou para uma garota magra de cabelo castanho-escuro que estava ali perto.

Seu nome era Fannie. Antes de todos os problemas começarem, antes dos tanques, dos soldados, dos cachorros latindo, das batidas à porta no meio da noite e da captura de todos os judeus em Salônica, sua cidade natal, Sebastian acreditava que amava aquela garota, se é que existe essa coisa de amor quando você tem 14 anos.

Ele nunca havia contado isso para ela nem para ninguém. Porém ali, por algum motivo, sentiu-se inflamado por aquele sentimento, então voltou sua atenção para ela enquanto o grandalhão sacudia a grade até soltá-la da parede. Com um último puxão forte, o homem a arrancou e deixou cair. O ar entrou com força pelo retângulo aberto, deixando um céu de primavera visível para todos.

O homenzarrão não perdeu tempo. Tentou atravessar o buraco, mas a abertura era pequena demais. Sua cintura grossa não passava.

Então ele desceu de volta, xingando. Um murmúrio atravessou o vagão.

- Alguém menor – disse uma voz.

Pais apertaram os filhos. Por um momento ninguém se mexeu. Sebastian fechou os olhos com força e respirou fundo. Em seguida, pegou Fannie pelos ombros e a empurrou.

– Ela cabe.

– Sebastian, não! – gritou Fannie.

– Onde estão os pais dela? – alguém perguntou.

– Mortos – outro respondeu.

– Venha, menina.

– Depressa, garota!

Os passageiros empurraram Fannie através do amontoado de corpos, tocando suas costas como se carimbassem desejos. Ela chegou ao grandalhão, que a levantou até a janela.

– Primeiro as pernas – instruiu ele. – Quando bater no chão, dobre o corpo e role para longe.

– Espera...

– Não podemos esperar! Você precisa ir agora!

Fannie se virou em direção a Sebastian, que estava com os olhos cheios de lágrimas. *Vou encontrar você de novo*, disse ele, somente para si mesmo. Um homem barbudo, que antes fazia orações em voz baixa, se adiantou e sussurrou no ouvido dela:

– Seja uma boa pessoa. Conte ao mundo o que aconteceu aqui.

A boca de Fannie começou a formar uma pergunta. Porém, antes que ela pudesse falar, o grandalhão a empurrou pela abertura e ela se foi.

O vento soprou forte pela janela. Por um instante os passageiros ficaram paralisados, como se esperassem que a menina voltasse se arrastando. Quando perceberam que isso não aconteceu, começaram a se empurrar. Ondas de esperança percorreram o vagão. *Podemos sair! Podemos ir embora!* As pessoas se espremiavam umas contra as outras.

E então...

POU! Um tiro, seguido de vários outros. Enquanto os freios do trem guinchavam, os passageiros se apressaram para recolocar a grade na janela. Em vão, porque ela não se firmava no lugar. Quando o vagão parou, a porta se abriu. Um oficial alemão, um sujeito baixo, estava parado sob a luz ofuscante do sol, empunhando sua pistola.

– ALTO! – gritou ele.

Sebastian viu as mãos se afastarem da janela como folhas mortas caindo de um galho sacudido. Ele olhou para o oficial, olhou para os passageiros, olhou para a adolescente chorando em cima do balde de excrementos e soube que a última esperança tinha acabado de morrer. Então ele xingou o único membro faltante de sua família, seu irmão mais novo, Nico, e jurou que um dia iria encontrá-lo e o faria pagar por tudo – e que nunca, jamais, o perdoaria.

Permita-me dizer quem sou

Pode acreditar na história que vou contar. Pode acreditar porque sou eu quem a conta, e eu sou a única coisa em que você pode confiar neste mundo.

Alguns diriam que você pode confiar na natureza, mas eu discordo. A natureza é volúvel: espécies prosperam e depois desaparecem. Outros sugerem que você pode confiar na fé. E eu pergunto: o que é a fé?

E quanto aos seres humanos? Bem... Os humanos são confiáveis apenas para cuidar de si mesmos. Quando ameaçados, são capazes de destruir qualquer coisa, especialmente a mim, para sobreviver.

Porém, eu sou a sombra da qual você não pode fugir, o espelho que guarda seu último reflexo. Você pode se desviar do meu olhar durante todos os seus dias na terra, mas eu lhe garanto: sou eu quem olha por último.

Eu sou a Verdade.

E esta é uma história sobre um garoto que tentou me enganar.

Por anos ele se escondeu, durante e após o Holocausto, mudando de nome, de vida. Mas ele deveria saber que eu o encontraria no fim das contas.

Quem, melhor do que eu, seria capaz de identificar um pequeno mentiroso?

“Que menino lindo!”

Vou apresentá-lo do jeito que ele era antes de todas as mentiras começarem. Fique olhando para esta página até seus olhos se desviarem para as ruas de Salônica – também conhecida como Tessalônica –, na Grécia, uma cidade perto do mar Egeu, que remonta a 300 a.C. Lá, as ruínas de antigas casas de banho se misturam com bondes e carroças puxadas a cavalo, o mercado de azeite é movimentado e os vendedores nas ruas oferecem frutas, peixes e temperos vindos dos barcos que chegam pela manhã no porto. E ali está ele, o pequeno Nico Krispis.

O ano é 1936. O sol de verão esquenta as pedras do calçamento perto da famosa Torre Branca, uma fortaleza do século XV construída para proteger o litoral da cidade. Num parque ali perto, crianças gritam felizes durante a *abariza*, jogo em que dois times perseguem um ao outro para aprisionar os adversários em quadrados de giz desenhados no chão. Quem for pego deve ficar preso dentro do quadrado até ser “libertado” por um colega de time.

Nico Krispis é o último que resta do seu time. Está sendo perseguido por um garoto mais velho chamado Giorgos. As crianças já presas gritam “Cuidado, Nico!” sempre que Giorgos chega perto demais.

Nico ri. Ele é rápido para sua idade. Dispara até um poste de luz, apoia-se nele e em seguida gira o corpo, lançando-se como um estilingue. Giorgos balança os braços. Agora é uma corrida. O dedão do pé de Nico toca a borda do quadrado de giz no exato instante em que o garoto mais velho dá um tapa no seu ombro.

– *Abariza!* – grita Nico, enquanto as crianças se espalham. – *Liberté!* Liberdade!

– Não, não! Eu te peguei, Nico! – declara Giorgos. – Eu encostei a mão antes de você pisar no quadrado!

As crianças ficam imóveis como estátuas e se viram para Nico. E agora? Nico olha para a própria sandália. E olha para Giorgos.

– Está certo – diz. – Ele me pegou.

Seus colegas de time resmungam e se afastam.

– Ah, Nico – lamenta um deles –, por que você sempre precisa dizer a verdade?

Eu sei por quê.

Sempre consigo identificar um admirador.

—

Bem, talvez você esteja se perguntando: por que esse menino? O que ele tem de tão interessante? Não existem bilhões de vidas cuja história a Verdade poderia contar, desnudando os relatos íntimos do tempo que elas passaram no mundo?

A resposta é sim. Mas com Nico eu lhe ofereço uma história importante, que até agora nunca foi contada. Tem a ver com enganos, grandes enganos, mas também com uma grande verdade, e com sofrimento, guerra, família, vingança e amor – um amor que é testado repetidamente. E, antes que a história termine, há até um momento mágico entrelaçado em uma tapeçaria infinita de fragilidade humana.

Quando eu terminar o relato, talvez você o defina como impossível. Mas veja que engraçado o que se passa com a verdade: quanto mais inverossímil uma coisa é, mais as pessoas querem acreditar nela.

Então considere isto sobre Nico Krispis:

Até os 11 anos, ele jamais disse uma mentira.

Isso faz com que uma pessoa se destaque, pelo menos para mim. Se Nico pegasse um pão doce na cozinha, ele admitiria no instante em que fosse questionado. Se sua mãe perguntasse: “Está cansado, Nico?”, ele confessava que sim, mesmo que isso o fizesse ter que ir para a cama mais cedo.

Na escola, se Nico não soubesse a resposta para a pergunta de um professor, dizia espontaneamente que não havia feito o dever de casa. Os outros alunos riam de sua honestidade. No entanto, o avô de Nico, Lazarre, que o menino adorava, lhe ensinara desde cedo esse valor precioso. Certo dia, quando Nico tinha apenas 5 anos, os dois estavam sentados perto do porto, contemplando o majestoso monte Olimpo do outro lado do golfo:

– Meu amigo falou que os deuses moram lá em cima – disse Nico.

– Só existe um Deus, Nico. E ele não mora numa montanha. Nico franziu a testa.

– Então por que meu amigo disse isso?

– As pessoas dizem muitas coisas. Algumas são verdades, algumas são mentiras. E às vezes, se você contar uma mentira por muito tempo, as pessoas vão acreditar que é verdade. Jamais conte mentiras, Nico.

– Não vou contar, Nano.

– Deus está sempre olhando.

Três informações sobre Nico Krispis:

- 1. Ele tinha uma facilidade incrível para aprender línguas.**
- 2. Ele era capaz de desenhar quase qualquer coisa.**
- 3. Ele era uma criança bonita.**

A terceira característica vai se revelar importante à medida que continuarmos essa história. Nico foi abençoado com as melhores feições de seu alto e musculoso pai, um comerciante de tabaco, e de sua mãe, uma mulher loira que trabalhava como voluntária num teatro da cidade com a esperança de subir ao palco. Eu não credito nenhuma consequência à aparência de alguém, mas posso garantir que a Verdade amplificará qualquer característica com a qual você tenha nascido.

Eu tenho uma expressão.

Nico carregava essa expressão num rosto tão agradável que até os estranhos paravam para admirá-lo.

– Que criança linda! – diziam, tocando suas bochechas ou seu queixo.

Às vezes acrescentavam:

– Nem parece judeu.

Durante a guerra, isso também seria significativo.

Porém o que mais atraía os estranhos, além do cabelo loiro ondulado, dos olhos azuis brilhantes ou dos lábios volumosos que se abriam sobre dentes muito brancos, era seu coração puro. Não havia malícia nele.

Era um garoto em quem se podia acreditar.

Com o tempo, as pessoas do seu bairro começaram a chamá-lo de Chioni – “neve” em grego –, porque ele parecia imaculado, intocado pela sujeira terrena. Como eu poderia não notar uma criatura assim? Num mundo cheio de mentiras, a honestidade reluz como ouro.

O resto do elenco

Bom, para contar integralmente a história de Nico, preciso incluir mais três pessoas que vão se interligar constantemente no decorrer de sua vida incomum.

A primeira é seu irmão, Sebastian, aquele do trem. Três anos mais velho, de cabelo castanho-escuro e consideravelmente mais sério, Sebastian tentava ser um bom filho enquanto nutria por dentro uma inveja do irmão mais novo e mimado.

– Por que a gente precisa ir dormir agora? – reclamava ele.

Tradução: *Por que o Nico pode ficar acordado até a mesma hora que eu?*

– Por que eu tenho que tomar a sopa toda?

Tradução: *Por que o Nico não precisa terminar a dele?*

O irmão mais velho era ossudo, enquanto o mais novo era esguio; o mais velho ficava sempre sem graça, enquanto o outro vivia à vontade. Muitas vezes, quando Nico divertia a família fazendo imitações engraçadas, Sebastian ficava encurvado perto da janela, com um livro no colo e a testa franzida.

Sebastian era tão fiel à verdade quanto Nico? Infelizmente, não. Ele mentia sobre o trivial: se havia escovado os dentes, se tinha pegado moedas na gaveta do pai, se prestara atenção na sinagoga e, quando chegou à adolescência, por que demorava tanto no banheiro.

Apesar disso, era ferozmente dedicado à família. À mãe, Tanna; ao pai, Lev; aos avós Lazarre e Eva; às irmãs gêmeas, Elisabeth e Anna. E, sim, quando pressionado, até ao irmão mais novo,

Nico, seu rival nas corridas dentro do mercado de azeite ou na natação nas praias do lado leste da cidade.

Mas era para outro alguém que Sebastian guardava sua maior devoção: a menina chamada Fannie.

Fannie é a segunda pessoa na história do pequeno mentiroso. Antes da viagem de trem que mudou sua vida para sempre, ela era uma menina tímida, de 12 anos, com as feições começando a florescer. Olhos brilhantes de cor verde-oliva, lábios carnudos, sorriso tímido, corpo desabrochando. O cabelo preto e cacheado cobria os ombros estreitos.

O pai de Fannie, um viúvo chamado Shimon Nahmias, era dono de uma farmácia na rua Egnatia. Ela, filha única, ajudava a organizar as prateleiras. Sebastian ia frequentemente à loja fingindo que precisava de alguma coisa para a mãe, mas no fundo só queria mesmo passar um tempo sozinho com a menina. Apesar de se conhecerem desde sempre e de terem brincado juntos na infância, as coisas tinham mudado nos últimos meses. Sebastian sentia um frio na barriga sempre que Fannie olhava para ele. Suas mãos começavam a suar.

Infelizmente, Fannie não sentia a mesma coisa. Como era mais nova, estudava na turma de Nico, e sua carteira ficava logo atrás da dele. No dia seguinte a seu aniversário de 12 anos, ela usou um vestido novo que seu pai lhe dera de presente. Nico, sempre honesto, sorriu e lhe disse:

– Você está bonita hoje, Fannie!

E desde então o coração da menina se voltou para ele.

Eu disse que eu tinha uma expressão.

Para completar as apresentações, vamos voltar àquele trem, que, no verão de 1943, ia a toda velocidade de Salônica para a Europa Central. Hoje em dia, muitos não sabem que os nazistas, no esforço para dominar o continente, invadiram a Grécia e ocuparam aquele país ensolarado. Ou que, antes da guerra, Salônica

era a única cidade europeia com população majoritariamente judia – um alvo perfeito para os nazistas e os soldados da Schutzstaffel, ou SS. Lá, o exército nazista agiu tal como na Polônia, na Hungria, na França e em outros lugares: capturou os cidadãos judeus e os massacrrou.

O destino final daquele trem vindo de Salônica era o campo de extermínio Auschwitz-Birkenau.

O grandalhão estava certo. Não que isso fosse bom.

– *ALTO!* – repetiu o oficial alemão, abrindo caminho por entre os passageiros e chegando à janela.

Ele era atarracado, com lábios grossos e rosto anguloso, como se não houvesse pele de sobra para suavizar o queixo projetado ou os malarres volumosos. O sujeito balançou a arma em direção à grade caída no chão.

– Quem fez isso? – perguntou.

Cabeças se voltaram para baixo. Ninguém falou nada. O alemão então levantou a grade e examinou as bordas afiadas, depois olhou para o homem barbudo, que tinha dito para Fannie “ser uma boa pessoa” e “contar ao mundo o que aconteceu aqui”.

– Foi você? – sussurrou o alemão.

Antes que o barbudo pudesse responder, o alemão golpeou o rosto dele com a grade, arrancando a pele do nariz e das bochechas. O homem berrou de dor.

– Vou perguntar de novo. Foi você?

– Não foi ele! – gritou uma mulher.

O alemão acompanhou o olhar da mulher até o grandalhão, que estava parado em silêncio perto do buraco da janela.

– Obrigado – disse o alemão.

Em seguida, levantou a pistola e atirou na cabeça do grandalhão.

O sangue espirrou na parede do trem enquanto o homenzarrão desmoronava. O eco do tiro petrificou os passageiros. A verdade (e eu sei muito bem) é que no vagão havia pessoas suficientes

para dominarem o oficial alemão e derrubá-lo. Mas naquele momento elas não podiam me ver. Só podiam ver aquilo que o alemão queria que elas vissem: que ele, e não elas, era o senhor do destino de todos.

– Vocês querem sair por essa janela? – perguntou. – Muito bem, vou deixar um de vocês sair. Quem vai?

Ele virou a cabeça para a esquerda e para a direita, avaliando os rostos abatidos. E aí parou na jovem que apertava o bebê contra o peito.

– Você. Vá.

Os olhos da mulher se viraram rapidamente para lá e para cá. Ela foi caminhando lentamente na direção da abertura.

– Espere. Primeiro, me dê a criança.

A mulher ficou imóvel. Apertou o bebê com mais força.

– Você ouviu o que eu disse?

Então, com uma das mãos, ele apontou a arma para o nariz dela e com a outra pegou o bebê.

– Agora pode ir. Depressa. Pela janela.

– Não, não!!! Por favor, por favor – gaguejou a mãe. – Eu não quero ir, não quero ir...

– Estou lhe dando a chance de ir embora. Não foi por isso que vocês destruíram a grade da minha janela?

– Por favor, não!!! Por favor, *por favor*, meu filho, meu filho!

A mulher desmoronou junto às pernas de seus companheiros aprisionados. O oficial balançou a cabeça.

– Qual é o problema de vocês, judeus? Dizem que querem uma coisa, depois não querem mais.

Ele suspirou de forma irônica.

– Bem, eu disse que um de vocês podia ir embora. Agora preciso cumprir com minha palavra.

O oficial dirigiu-se até a janela e, com um movimento rápido do braço, jogou o bebê pela abertura. Enquanto a mãe uivava e os

prisioneiros tremiam, apenas Sebastian fez contato visual com o oficial, por tempo suficiente para vê-lo sorrir.

Seu nome era Udo Graf.

É a terceira pessoa importante nesta história.

Uma parábola

Quando estava para criar o Homem, Deus reuniu todos os principais anjos para debaterem os méritos dessa ideia. Isso deveria acontecer? Sim ou não?

O Anjo da Misericórdia disse:

– Sim, crie-se o Homem, porque ele realizará atos misericordiosos.

O Anjo da Justiça disse:

– Sim, crie-se o Homem, porque ele realizará atos justos.

Somente o Anjo da Verdade discordou.

– Não, não se crie o Homem, porque ele será falso e contará mentiras.

Então o que o Senhor fez? Avaliou tudo o que foi dito. Depois, expulsou do céu o Anjo da Verdade e o lançou nas profundezas da terra.

—

Bom, como vocês, jovens, dizem: isso doeu.

A história é verdadeira. De que outro modo eu estaria aqui, falando com vocês?

No entanto, eu estava errada ao alertar a Deus que o Homem seria mentiroso? Absolutamente. Os humanos mentem o tempo todo, em especial para seu Criador.

Mesmo assim, os motivos para minha expulsão do céu são debatidos acaloradamente. Alguns sugerem que fui enterrada sob o

solo para emergir quando a humanidade se elevasse à sua melhor natureza. Outros dizem que eu estava sendo escondida de propósito, já que a minha virtude está além da capacidade de vocês.

Tenho minha própria teoria. Acredito que fui jogada na terra para me estilhaçar em bilhões de pedaços e cada um deles encontrar seu caminho para um coração humano.

E ali crescer.

Ou morrer.

Três momentos

Mas chega disso. Voltemos à nossa história. A vida mudou rapidamente para os nossos quatro protagonistas durante as tumultuadas décadas de 1930 e 1940, quando a guerra esquentava, fervia e depois explodia por toda parte.

Deixe-me apresentar três momentos específicos.

Você vai me entender.

Estamos em 1938

É noite de festa na rua Venizelou, em Salônica. Dentro de um café movimentado ocorre uma “cerimônia de coroação”. No judaísmo, ela marca o dia em que os pais casam seu último filho ou filha. A comida está disposta em duas mesas compridas: peixes, carnes, pratos de queijo e pimentões. A fumaça de cigarro paira no ar. Um pequeno grupo de músicos toca violões e *bouzoukis* gregos.

As danças são animadas e acaloradas. O nome da noiva é Bibi, e seus pais orgulhosos são Lazarre e Eva Krispis, os avós de Nico, que estão juntos há tanto tempo a ponto de o cabelo dos dois ter ficado grisalho simultaneamente. Eles são erguidos em duas cadeiras e levados pelo salão durante uma dança. Eva está com medo de cair e segura o encosto da cadeira, mas Lazarre se diverte. Ele ergue e balança as mãos.

O pequeno Nico tem 7 anos. Ele acompanha o ritmo da música batendo os pés no chão.

– Mais alto, Nano! – grita ele. – Mais alto!

Mais tarde, ao redor da mesa, a família corta pedaços de *baklava* e bolo de nozes embebido em calda. Todos bebem café forte, fumam cigarros e conversam em vários idiomas: grego, hebraico e ladino, uma língua derivada do espanhol que é falada comumente na comunidade judaica. As crianças já terminaram de comer as sobremesas e algumas brincam no chão.

– Ufa, estou exausta! – diz Bibi, sentando-se.

Ela é a última dos três filhos a subir ao altar. Depois de tantas danças, está com calor, então enxuga o suor da testa.

– Por que você está com essa coisa em cima do rosto? – pergunta Nico.

– O nome disso é véu – intervém o avô. – E ela está usando porque a mãe dela também usou, e a mãe da mãe dela também usou, e todas as mulheres usaram, desde a Antiguidade. Quando fazemos uma coisa que as pessoas fazem há milhares de anos, sabe o que nos tornamos, Nico?

– Velhos? – pergunta o menino.

Todo mundo ri.

– Conectados – responde Lazzarre. – É pela tradição que você sabe quem você é.

– Eu sei quem eu sou! – O menino aponta os polegares para o peito. – Eu sou o Nico!

– Você é um judeu – diz o avô.

– E grego.

– Primeiro é judeu.

Bibi dá um tapinha na mão de Tedros, com quem acabou de se casar.

– Feliz? – pergunta.

– Feliz – responde ele.

Lazzarre dá um tapa na mesa, com um sorriso largo.

– E que venha um neto!

– Ah, papai... Primeiro me deixe tirar o vestido de noiva.

– Geralmente, precisa-se mesmo fazer isso para acontecer – reage Lazarre, com uma piscadela.

Bibi fica ruborizada. Lazarre põe Nico no colo e aperta as bochechas do garotinho.

– Que tal outro assim? – diz ele. – Um menino tão lindo!

Do outro lado da mesa, Sebastian observa, batendo levemente seu garfo, absorvendo em silêncio o fato de que seu irmão, e não ele, é quem o avô deseja replicar.

Mais tarde naquela noite, a família caminha pela esplanada. O ar noturno está quente e uma brisa fraca vem da água. Fannie e seu pai também estão ali, e a menina arrasta os pés ao lado de Nico e Sebastian, revezando-se para chutar uma pedra por cima do calçamento. A mãe de Nico, Tanna, empurra as gêmeas adormecidas num carrinho de bebê. Mais à frente ela vê a majestosa Torre Branca, diante do golfo Termaico.

– Que noite linda! – exclama.

Eles passam por uma loja fechada, com jornais na vitrine. Lev lê as manchetes e cutuca o pai.

– Pai – diz em voz baixa –, já leu o que está acontecendo na Alemanha?

– Aquele homem é louco – responde Lazarre. – Vão se livrar dele logo.

– Ou a coisa pode se espalhar.

– Quer dizer até aqui? Estamos muito longe da Alemanha. Além disso, Salônica é uma cidade judia.

– Não tanto quanto antigamente.

– Você se preocupa demais, Lev. – Ele aponta para a vitrine da loja. – Veja a quantidade de jornais judeus aí. Veja quantas sinagogas nós temos. Ninguém pode destruir essas coisas.

Lev olha para trás e vê os filhos chutando a pedra. Ele torce para que seu pai esteja certo. A família continua andando ao luar, suas conversas ecoando por sobre a água.

CONHEÇA OS TÍTULOS DE MITCH ALBOM

FICÇÃO

As cinco pessoas que você encontra no céu
A próxima pessoa que você encontra no céu

As cordas mágicas

O primeiro telefonema do céu

O guardião do tempo

Por mais um dia

O estranho que veio do mar

O pequeno mentiroso

NÃO FICÇÃO

A última grande lição

Tenha um pouco de fé

Um milagre chamado Chika

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Sextante,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

sextante.com.br

